



UNICAMP

EVENTO: Coreógrafo
Stephen Petronio

VEÍCULO: FOLHA DE SÃO PAULO

DATA: 11 de abril de 1994

PÁGINA: 1ª

SEÇÃO: ILUSTRADA

CDMC
BrasilUnicamp

Petronio traz sua dança colérica ao Brasil

O coreógrafo se apresenta em São Paulo e Rio em junho com números baseados em Stravinski, Ravel e Yoko Ono

Editoria de Arte/Folha Imagem

Fotos Divulgação

IDENTIDADE



- **Nome:** Stephen Petronio
- **Idade:** 37
- **Onde nasceu:** Nutley, New Jersey, EUA
- **Turning Point:** aos 18 anos, quando viu Nureyev dançando em "A Bela Adormecida"
- **Primeiros passos:** como bailarino do grupo de Trisha Brown, a partir de 1979
- **Quando formou o próprio grupo:** 1984
- **Uma de suas maiores influências:** a televisão
- **Compositores preferidos:** David Linton, Peter Gordon, Stravinski
- **Escritores que já inspiraram suas coreografias:** Henry Miller, William Burroughs e Kathy Acker
- **Fãs:** é admirado por Jacqueline Onassis e Merce Cunningham
- **Família:** filho de italianos classe média, tem uma filha de cinco anos
- **Namorado:** o bailarino e coreógrafo escocês Michael Clark
- **Primeira vez que veio ao Brasil:** 1991



O bailarino e coreógrafo norte-americano Stephen Petronio

ANA FRANCISCA PONZIO
Enviada especial a Lyon (França)

O coreógrafo norte-americano Stephen Petronio e seu grupo vão se apresentar em São Paulo, de 11 a 13 de junho no Teatro Sérgio Cardoso. Antes, de 7 a 9, dançam no Rio (Teatro Carlos Gomes).

É a Cartel Produções que traz Petronio, que deveria participar do Carlton Dance Festival deste ano, cancelado na última hora pela Souza Cruz. Aos poucos, a programação do Carlton vai se reconstituindo. Trisha Brown, outra estrela do festival, vem ao Brasil em dezembro, a convite da 22ª Bienal Internacional de São Paulo.

Um dos melhores talentos da nova geração de coreógrafos americanos, Petronio começou a estudar dança somente aos 18 anos. Seu primeiro professor de dança foi Steve Paxton, criador do "contact improvisation" —técnica baseada no apoio mútuo entre os bailarinos, que Stephen ainda utiliza.

Além de Paxton, Petronio sofre a influência de outro artista pós-moderno: Trisha Brown. Aos 21 anos, Petronio ingressou na companhia de Brown, tornando-se o primeiro homem de um elenco até então formado por mulheres.

Petronio acaba de realizar uma coreografia para o Ballet da Ópera de Lyon ("ExtraVeinous"). Em entrevista à **Folha**, anunciou o programa que apresentará no Brasil: "Half Wrong Plus Laytext", "She Says" e "The King is Dead", com músicas de Stravinski, Yoko Ono e Ravel.

Folha — Em geral você utiliza músicas de compositores contemporâneos. Por que escolheu Stravinski e Ravel para suas últimas coreografias?

Stephen Petronio — Estou tentando ter uma visão maior deste século. Para "Half Wrong Plus Laytext" escolhi a "Sagração da Primavera" de Stravinski porque esta música foi um signo do começo do século, uma marca do modernismo. Junto com Nijinsky, Stravinski realizou a primeira colaboração mais importante deste século entre dança e música.

Para "The King is Dead" escolhi o "Bolero" de Ravel porque

resolvi me deter em outro ponto de referência de nossa época. O "Bolero" é um pop deste século, está associado a uma série de clichês.

Folha — Em seguida você escolheu Yoko Ono...

Petronio — Eu adoro Yoko. Ela é uma das figuras femininas mais importantes deste século. Este é o tema do programa que vou apresentar no Brasil: as marcas registradas deste século.

Folha — "She Says" é uma homenagem a Yoko?

Petronio — Me inspirei nos temas das canções de Yoko que utilizo: "Nobody Sees Me Live You Do", "Open Your Box" e "Woman Power". Acho que "She Says" procura retratar a mulher se movendo da personalidade vitoriana em direção a uma personalidade feminina forte e moderna.

Folha — Qual o ponto marcante de sua dança?



Coreografia de Petronio

Petronio — Nos últimos dois anos tenho pensado muito sobre o rumo da violência em nossos dias. Então, comecei a fazer danças muito sensuais e agressivas. Comecei a explorar uma fisicalidade colérica, provocativa. Acho que esse é um modelo físico estreitamente relacionado ao que acontece neste final de século.

Folha — Por que essa fixação em sexualidade?

Petronio — Na época vitoriana as danças eram muito estruturadas. A arte não podia lidar com coisas reais, como a sexualidade. Eu procuro recolocar esses elementos na dança, porque retratam a evolução do ser humano.

Folha — E o enfoque na

agressão?

Petronio — Hoje temos realmente muitas razões para nos sentirmos irados. Vivemos uma espécie de homofobia, há agressões contra homens e mulheres. Com a Aids podemos ter a vida repentinamente cortada pela metade...

Folha — Suas coreografias não são abstratas nem narrativas. Como você comunica suas idéias?

Petronio — Não estou certo se minha dança deve comunicar idéias. Para mim, dança é idéia. Meu objetivo principal é usar idéias como um suporte que me permita criar um modelo físico.

A maioria das pessoas tenta "ler" idéias numa obra artística, mas não acho que esse seja o trabalho da dança. Para mim, a dança tem que penetrar na parte mais irracional do cérebro do espectador.

Procuro criar modelos físicos que falem sobre o momento presente, sem ilustrar idéias.

Folha — Como a televisão te influenciou?

Petronio — Algumas de minhas coreografias têm sido sobre o ritmo acelerado de nossas vidas. A velocidade de comunicação gera uma personalidade elétrica.

Com a televisão, o homem aprendeu a absorver uma grande quantidade de imagens. Analisando o poder da televisão é possível conhecer melhor o vocabulário humano, os níveis complicados de informação com os quais lidamos. E transporto isso para a dança.

Folha — Como você trabalha com os gestos?

Petronio — Vejo o palco como um quadro, onde tenho que colocar gestos. Gosto de imaginar essa exposição de gestos como uma espécie de banquete: algumas pessoas verão uma coisa, outras pessoas verão outra coisa. É quase impossível ver o quadro total e este é o ponto mais importante para mim.

Não tento contar uma história, não procuro mostrar uma experiência coletiva que deve ser captada imediatamente pelo público. Quero que cada pessoa da platéia descubra alguma coisa diferente.

Estilo mescla virtuosismo e sensualidade

Da enviada especial

Stephen Petronio se apresentou em São Paulo em 1991, quando dividiu o espetáculo com seu namorado, Michael Clark.

Convivendo com a dubiedade, Petronio compõe coreografias com extremo virtuosismo —qualidade que se impõe sobre a sensualidade dos movimentos e temas.

Ontem o Ballet da Ópera de Lyon, uma das principais instituições artísticas da Europa, encerrou temporada de um programa que incluiu a última criação de Petronio: "ExtraVeinous", com música de David Linton.

"Trabalhar na Europa, hoje, é um paraíso para quem enfrenta as instabilidades financeiras da América", comenta. Desde 1984 dirigindo seu próprio grupo, Stephen Petronio Company, ele já trabalhou para o Ballet de Frankfurt e a Ópera de Berlim. Em 1990 reali-

zou a coreografia de "O Trovador", de Verdi, para o Teatro da Ópera de Tulsa (Arizona, EUA).

Na próxima temporada no Brasil, Petronio mostrará coreografias recentes, feitas para seu grupo. "Half Wrong Plus Laytext" estreou em maio de 1992, no teatro The Kitchen, Nova York.

Inspirada na "Sagração da Primavera", de Stravinski, e no erotismo da literatura de Henry Miller, William Burroughs e Kathy Acker, "Half Wrong..." associa texto e dança. Na abertura, durante um solo feminino, há frases e palavras se movimentando no ar, em letras vermelhas e fluorescentes, transmitidas por um computador escondido no fundo do palco.

Em "Half Wrong..." Petronio cria relações entre a época atual e o início do século. Ele acha que a "Sagração..." de Stravinski representa o estado de inocência do mundo, quando nascia o moder-



Parte da companhia de Stephen Petronio em espetáculo

nismo. "Ao mesmo tempo, vejo algo de pornográfico no tema —o sacrifício de uma donzela em função da fertilidade da terra".

Com a palavra "laytext" do título, Petronio faz várias alusões:

além dos textos utilizados, pode sugerir "látex, borracha, preservativos..."

Em vez da música orquestrada, Petronio utiliza uma versão da "Sagração" para dois pianos —in-

terpretada ao vivo nas apresentações de estréia, por músicos que ocupavam o palco junto com os bailarinos.

A coreografia que encerrará os espetáculos no Brasil é "The King is Dead", que estreou ano passado. Além do "Bolero" de Ravel, é dançada ao som de um ícone pop: a voz de Elvis Presley, cantando "Love Me Tender". Tocada no prelúdio, a canção conduz um solo, executado por próprio Petronio.

"She Says", com músicas que Yoko Ono compôs nos anos 70, dá toques bem humorados ao espetáculo. "A maioria dos coreógrafos gosta de tranquilizar o público ilustrando a música. Eu procuro fazer o contrário, brincando com as expectativas", afirma Petronio que, no momento, está envolvido em mais um projeto: escrever um livro, que será uma espécie de autobiografia. (AFP)

INDIFOLHA

MÚSICAS DE LINTON PREDOMINAM NO REPERTÓRIO

De coreografias de Stephen Petronio

